

Artigo de Opinião

Meditando sobre “as coisas da saúde”

*Meditating on “things of health”*Luis Aires de Sousa¹¹ Escola Superior de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa, 1350-125, Lisboa, Portugal, asousa@esscvp.eu

Há que fazer uma meditação sobre os problemas da saúde. Contudo, cada sociedade tem os seus modelos condicionados pelo seu próprio modelo. As decisões sobre as estruturas da saúde, nem sempre são discutidas por aqueles que dispõem de mais informação. As orientações sofrem, sempre, a influência da política dominante. O ensino da saúde e as estruturas da saúde interpenetram-se nos seus problemas. As hierarquias dentro da saúde são ponto em permanente ebulição. É vasta a complexidade dos temas sobre os quais se pretende meditar aqui.

We should make a meditation on health issues. However, each society has its models conditioned by its own model. Decisions on health structures are not always discussed by those who have more information. The guidelines suffer, always, the influence of the dominant politics. Health education and health structures intersect their problems. The hierarchies in health are in permanent ebullition. The complexity of the issues that we will meditate here is vast.

PALAVRAS-CHAVE: Estruturas de saúde; ensino da saúde; hierarquias na saúde.

KEY WORDS: Health facilities; health education; hierarchies in health.

Submetido em 19 março 2015; Publicado em 31 março 2015.

* **Correspondência:** Luís Aires de Sousa.

Morada: 1350-125, Lisboa, Portugal, Av. Ceuta, Edifício Urbiceuta, Piso 6. Email: asousa@esscvp.eu

INTRODUÇÃO

Não nasci numa Maternidade. Mas, excluindo esse rápido episódio, respirei ao longo de todas as minhas décadas o ar viciante das “coisas da saúde”. Essas tais “coisas da saúde”, que terão alguma importância para a Humanidade. Assim aparenta, pela paixão como elas são discutidas. Sobretudo, por aqueles que nunca hão de perceber aquilo sobre o qual tanto falaram.

Certamente que nem todos os problemas que advêm “às coisas da saúde” têm fácil identificação. A “saúde”, um bem desejado por cada ser humano, é olhada dos modos mais variados, conforme as características de cada sociedade. Será, talvez, utópico pensar-se num modelo único a ser servido a todas as sociedades. A evolução social constante mostra-nos, ao longo do mundo, ondas gigantes nos modelos dos serviços de saúde. O estilo de cada sociedade condiciona as orientações. Como acontece as orientações sofrerem as influências da vida financeira de cada povo.

Os avanços técnicos, em todas as áreas da saúde, criam entusiasmos naqueles que sofrem e nos que tratam. Trazem acrescentadas angústias aos que têm de governar a Saúde... Os avanços nos equipamentos, a chegada de novos medicamentos, o aumento da longevidade... As “coisas da saúde” são muito complicadas, quando olhadas pelos seus profissionais. São mais simples, se olhadas através de lentes rosadas de cariz político. Por isso, são tão incómodos os profissionais de saúde que se atrevem a discutir... “coisas da saúde”.

A partir dos colóquios de todos esses que “sabem e mandam”, cada povo ganha (ou perde?) nas estruturas às quais vai ser confiada a sua saúde.

Para quem se dedica ao ensino na área da saúde, é dever meditar sobre a diversidade desses modelos. Até o encarreiramento, e a continuidade, da meditação exige uma grande firmeza de espírito. Comece-se por olhar um qualquer exemplo de uma regra adoptada apaixonadamente num dia. Vejam-se as inflexões que se seguem. Por aparentemente boas que sejam as regras adoptadas, e aplicadas com êxito,

ferem interesses. E, os interesses feridos são mais fortes do que as razões. Assim é em todas as sociedades.

Tem havido uma larga panóplia nos modelos escolhidos para preparar aqueles que se destinaram a profissionais de saúde. Nas últimas décadas, também se intensificou uma interação da metodologia de ensino com as recolocações hierárquicas dentro do próprio exercício profissional. Fica-se a pensar se prevalece o objectivo da qualidade ou os preconceitos de poder.

Nas sociedades primitivas (afinal, tal como hoje!), havia os homens que nasciam para gerir e os que já estavam destinados a ser geridos. O mesmo acontece, agora, entre aqueles que trabalham dentro de um mesmo espaço “da saúde”. É-me curioso comparar as velhas hierarquias com as novas hierarquias. Vejo uma constante remexida, na medida em que vão nascendo novos ramos de trabalho. Que criam novos problemas de inserção.

Quem manda? (mandar, apeteceu verbo!). Ao longo do mundo, as hierarquias na saúde não dão para trocar. Dão para preocupar.

É natural o desejo de moldar a complexa rede de ensino dos profissionais de saúde. Quem ensina quem? Como, e onde se ensina? Ensinar tanto tem sido considerada uma regalia, como um fardo indesejável. Lembro-me de Instituições que conseguiram o ensino após porfiadas reivindicações.

Mas, por lá, muitos acabaram a sonhar no ilusório paraíso de uma escola sem alunos e de um hospital sem doentes. Afinal, ensinar sempre tem algo de complicado e incómodo...

Mas, de um ou outro modo, cada sociedade lá vai formando os seus quadros de saúde. Quadros que, depois e por vezes, vivem sem qualquer enquadramento... Quando há carências quantitativas, variadas são as receitas para a “produção acelerada”. Primeiro, interessam os números. Mas, depois acaba-se na contestação à qualidade. Por exemplo, vocifera-se contra a exiguidade de ensino prático. Contudo, há

países que taxam desalmadamente os estágios dos estudantes das instituições privadas para salvar orçamentos hospitalares sem conserto. As funções “de tratamento” têm de ter prioridade sobre as funções de “ensino”. Querem que baste o argumento de que “todas as estruturas de saúde tem de ser de ensino e de investigação”. Com ou sem condições...

Não há uma noção assente dos meios indispensáveis a um ensino capaz. Há o desejo de gerar bons profissionais. Estudam-se carreiras no sentido de obter professores impecáveis. Desdobram-se discussões sobre os métodos e conteúdos do que se ensina. Estudam-se inteligentes normas arquitectónicas para espaços de ensino. Por fim, tudo se filtra, e altera, nos jogos políticos das sociedades.

Passei toda uma vida sonhando com “um outro mundo para a saúde”. Cada noite, ainda vou fabricando sonhos. Felizmente, que temos a fuga para os sonhos. Não seria horrível viver sempre acordado? Contudo, há realidades que nos compensam. Como será que conseguimos para os estudantes da nossa Escola o alto nível profissional atestado pelos mais exigentes crivos internacionais de seleção? Sinto-me feliz por tudo o que se tem conseguido. Continuarei a meditar sobre as “coisas da saúde”. E, farei por continuar a sonhar.